

como [se tais manifestações] nada tivessem haver com a sociedade burguesa. Acrescente-se a isso algumas constatações: o pós-modernismo é a forma social de consciência num período de reestruturação sistêmica do capitalismo tardio. O conservadorismo é seu traço mais saliente e dominante na vida política e intelectual. A condição pós-moderna implica resignação e submissão à estrutura socioeconômica estabelecida. O pós-modernismo, dessa feita, redundando em perplexidade e desorientação política e intelectual que se efetiva no abandono da crítica e dos projetos sociais transformadores (p. 184).

Trata-se em considerar, à luz de todo percurso possível, que o livro de João Emanuel Evangelista (Teoria social pós-moderna) tem como ambição fundamental iniciar e situar o leitor no debate acerca do pós-moderno. É uma obra introdutória que se dispõe à reflexão de tal pensamento, fazendo, entre outras coisas, um importante apanhado de contribuições marxistas no sentido de fornecer ao leitor um alicerce crítico para discutir o pós-moderno fora e no Brasil. É, ainda, uma bibliografia que se insere no campo da sociologia adotando uma postura de inconformidade com a vigência sistêmica, coisa não muito fácil a ser encontrada por aí. Era o que faltava nas livrarias, mas que agora, o público passa ter em mãos. É um livro bem vindo!

## **RESENHA: SOBRE POLÍTICA E CARTAS DE AMOR**

### *ABOUT POLITICS AND LOVE LETTERS*

Francisco das Chagas Silva Souza<sup>113</sup>

DEL PRIORE, Mary. **Condessa de Barral**: a paixão do imperador. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 260 pp.

As personagens: um homem casado, poderoso e infiel; uma esposa triste e submissa; uma amante nobre e casada. O cenário: paço imperial, palácios, cortes européias. O enredo: adultérios, cartas de amor, declarações íntimas e inconfessáveis, saudades, sonhos, ciúmes, arrependimentos.

---

<sup>113</sup> Doutor em Educação pela UFRN. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Campus Mossoró/RN. E-mail: chagas.souza@ifrn.edu.br

Não estamos tratando de mais um folhetim televisivo, mas de uma página da nossa história em que os protagonistas são o imperador D. Pedro II, a imperatriz Dona Teresa Cristina e uma grande dama da corte, a Condessa de Barral. A originalidade desse triângulo amoroso, ocorrido no centro do império brasileiro na segunda metade do século XIX, consistia no fato de envolver um homem que se tornou conhecido pela siseudez e por princípios de moral arraigados, distinguindo-se do seu pai, D. Pedro I, conhecido, dentre outras coisas, pela licenciosidade.

É deste romance que trata o livro da historiadora brasileira Mary Del Priori, intitulado Condessa de Barral: a paixão do imperador. Uma obra apaixonante como outras do punho dessa autora que, mais uma vez, deixa extravasar toda a sua veia literária, belamente expressa nas descrições de lugares e épocas e nas figuras e imagens que cria a partir de documentos da época, cartas e diários.

A futura Condessa de Barral e de Pedra Branca chamava-se Luísa Margarida Portugal e Barros. Nascida em 13 de abril de 1816, em Salvador-BA, era filha de um rico senhor de engenho, D. Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca. Em 1825, aos nove anos, mudou-se para a França acompanhando os pais e o irmão. Na capital francesa, Luísa recebeu uma educação rigorosa. Ensinar-lhe como uma mulher deveria se comportar numa sociedade patriarcal, principalmente quando se pertencia à nobreza. Entretanto, contrariando o papel reservado ao seu gênero, a futura condessa também aprendeu a fazer escolhas, o que ficou patente quando, mais tarde, rejeitou um casamento arranjado pelo pai e escolheu o seu futuro esposo, D. Eugênio, o Conde de Barral, filho de uma tradicional família francesa, porém em declínio econômico. Casada, volta para a Bahia, apenas na companhia do pai e do marido, pois a mãe e o irmão haviam falecido na França.

Todavia, alguns anos depois, a crise nos negócios do açúcar apressou o seu retorno à Europa, quando aceitou o convite que a tornou a dama de companhia da princesa D. Francisca de Bragança, irmã de D. Pedro II, casada em 1843 com D. Francisco de Orléans, filho do rei francês. Luísa teria a função de acompanhar, evitar e contornar as gafes cometidas pela princesa, coisas que desempenharia com desenvoltura, pois era afeita à moda e aos costumes franceses. Entretanto, em 1856, um novo convite a traria de volta ao Brasil: tornar-se-ia encarregada da educação doméstica das princesas Isabel e Leopoldina. O retorno ao Brasil e a

convivência com a família real brasileira é um segundo momento do livro, marcado pelo *affair* com o imperador e o ocaso dessa paixão.

Luísa despertará, imediatamente, uma afeição no jovem imperador. Essa mulher culta, bonita, elegante, refinada, conhecedora de artes, bem diferente da imperatriz, passará a conviver diariamente com ele. Logo começarão os jogos da sedução, os flertes, o roçar de mãos, as pisadelas nos pés, o arrulhar nos ouvidos. Algo começava a preencher espaços na vida do monarca além das recepções oficiais e das leituras diárias. As conversas com Luísa eram contínuas, necessárias e aumentava a cada instante a admiração de um homem circunspeto, que se desvencilhava das amarras das convenções sociais e se entregava aos desejos mais recônditos. As cartas e os poemas assinados carinhosamente como “seu P” demonstram que a condessa era um bálsamo que o inebriava e lhe dava um novo sentido à vida.

Mas Del Priore salienta que os encontros discretos não tornaram a Condessa de Barral uma amante, mas uma paixão do imperador. Vivia-se numa época em que a verdadeira paixão era platônica e, se ao homem cabia a sedução, à mulher recatada cabia a negativa, mesmo que esta fosse apenas uma etapa preliminar nos jogos amorosos. Luisa e Pedro viveram um amor romântico em que um toque, um rubor e um olhar diziam tudo. As palavras usadas nas cartas e nos poemas enviados pelo imperador eram respeitosas, decentes, contidas. Amavam-se a distância.

O ano de 1865 foi triste para o casal: com o casamento das princesas, não havia mais motivo para Luísa permanecer no Brasil. Assim, mais uma vez, parte para a Europa, deixando um imperador desolado. Acabavam-se os encontros, as conversas, os passeios. Doravante, as cartas seriam tristes, saudosas, ciumentas e imploravam: “Escreva-me sempre que puder [...], é mau viver longe de quem se preza.” Mal podia esperar o momento de se encontrarem nas longas viagens que faria com a esposa à Europa, nas quais a Barral seria a cicerone.

Contudo, o tempo e a distância são inimigos dos apaixonados. As cartas e o diário da condessa expressam arrependimentos e culpas. O medo da maledicência, a culpa e a vergonha levaram-na a uma vida de abnegação, de orações. Passou a admoestar o imperador pelas suas insistentes cartas de amor: “Não mais dessas cartas que vou devolver impiedosamente sem abrir” e alertava-lhe: “Acabou. Sou velha.”

As contingências reaproximaram os ex-apaixonados. Em 1889, com a proclamação da República no Brasil, a família muda-se para a Europa. No mesmo ano, a imperatriz faleceu. D. Pedro, com saúde abalada pela diabetes, passou a conviver mais próximo de Luísa, tornando-se seu hóspede. Na oportunidade, dedicou-lhe mais um poema, no qual fala de um amor dando lugar à amizade. Em 1891, uma terrível coincidência põe fim àquela amizade: ela falece em janeiro; ele, em dezembro, ambos na França e de pneumonia.

Mary Del Priore, depois do sucesso com a publicação de *O Príncipe Maldito*, em 2007, na qual conta a história da vida do príncipe Pedro Augusto, neto de D. Pedro II, revela, mais uma vez, as influências que recebeu das mudanças paradigmáticas que têm marcado a historiografia brasileira nas últimas décadas. As biografias que publicou revelam a despreocupação com uma verdade única e inquestionável, o interesse em escrever uma história da vida privada, a curiosidade pelos temas esquecidos pela historiografia republicana, o empenho em dialogar com o grande público.

Condessa de Barral é uma obra que transcende as concepções positivistas de documento, de fonte e de objeto da história. Compõe uma produção historiográfica que vem alcançando uma grande receptividade não só no meio acadêmico, mas também entre um público ávido por conhecer outras facetas de uma história que não chega até ele através dos bancos escolares. O discurso usado pela historiadora evidencia a sua despreocupação com a objetividade e a neutralidade na produção do conhecimento. Seu livro pode ser considerado por muitos como uma ficção, no sentido depreciativo do termo, mas o que é a história senão uma construção a partir de representações que fazemos do passado? Devemos retirar dessa ciência sua parte de poesia para que possa parecer mais “científica”?

Na obra sob análise, a historiadora exerce o seu ofício com um misto de razão e emoção, com rigor, porém, sem a rigidez que muitos crêem ser necessária à produção acadêmica. Pode-se afirmar que Del Priore opera não pela disjunção, mas por uma religação entre o poético e o prosaico, parafraseando as palavras do pensador francês Edgar Morin<sup>114</sup>.

---

<sup>114</sup> MORIN, Edgar. Amor, poesia, sabedoria. 8 ed. Trad. Edgard de A. Carvalho. Rio e Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

A autora de *Condessa de Barral* não consagra os grandes vultos da nossa história oficial, embora tenha-os como objetos de análise. Na referida obra, ela exhibe um imperador culto e taciturno, mas não imune às paixões e às “necessidades primitivas”, como era chamado na época o desejo sexual. D. Pedro II aparece como um homem comum, um ser de carne e osso que, em meio ao turbilhão de críticas da oposição e dos movimentos abolicionista e republicano, envia cartas apaixonadas à sua amada a milhas de distância.

Em *Condessa de Barral* e *O príncipe maldito*, a sua obra anterior, Del Priore contribui para uma releitura sobre um momento da nossa história política, o Império, revelando o seu lado obscurecido. Os palácios eram não apenas espaços de banquetes, beija-mão, valsas e minuetos, mas também de traições, discórdias, intrigas, conspirações.

Dizia Marc Bloch que “o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.”<sup>115</sup> Del Priore vem se destacado nesse aspecto. Ela “fareja” a nossa história e traz à tona aquilo que para muitos não tem valor ou estava esquecido. As biografias que escreve são janelas que se abrem para a compreensão dos contextos econômico, político e social de uma época. Desconstrói mitos, embora não impeça a construção de outros. Substitui verdades, até então enraizadas, por outras que criarão raízes por algum tempo. Mostra um passado feito pelas mãos de seres humanos comuns, embora ostentassem títulos de nobreza e frequentassem a “boa sociedade”. Suas pesquisas “preenchem” lacunas da nossa história, embora deixem tantas outras em aberto. Revelam que nenhum conhecimento é feito sem emoções e idéias *a priori*.

Enfim, o livro contribui para que possamos conhecer mais um dentre tantos lados da nossa história. Uma história feita de tantas outras que se entrelaçam numa teia muito bem urdida. Del Priore, pondo em prática o ofício do historiador, consegue desvendar a trama e trazer pela sua pena uma história da vida privada, do cotidiano, de encontros e desencontros, de paixões que foram eternas enquanto duraram. Uma história que não pretende ser linear, sequencial, finalista; ao contrário, segue ao acaso, ao imprevisível, aos eventos, às incertezas.

---

<sup>115</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Trad. André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.54.